

Uma história a dois: a *combatiente* cubana e o legado heroico de seu pai

One history for two: the Cuban *combatiente* and the heroic legacy of her father

Carla Cristina Nacke Conradi

 <https://orcid.org/0000-0001-5136-6676>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo: Este artigo explora a experiência política de Olga Estela Angulo Alonso, a partir de sua narrativa autobiográfica, que está intrinsecamente atada à atuação do seu pai, Manuel Angulo Farrán, um dos mártires da Revolução Cubana. O fato de ter se inserido na luta clandestina ainda muito nova, pela posição paterna no *Movimiento 26 de Julio*, e ter participado de momentos históricos da clandestinidade em Holguín, na Cuba Oriental, foram estruturantes para sua constituição, no passado, como *combatiente*. Na entrevista, emerge a subjetividade de uma jovem mulher que carrega em si o dever para com o legado do pai e, ao mesmo tempo, lida com a memória traumática das torturas infligidas a ambos pela tirania do governo ditatorial de Fulgêncio Batista. Assim, as páginas que seguem narram e analisam os caminhos políticos e subjetivos construídos por uma sujeita política que, no presente de sua vida, dada sua condição de saúde, sua memória se esvai e a impede de narrar o que sempre a constituiu, ser, antes de *combatiente*, a *Olguita* de seu pai. História oral e memória traumática se entrelaçam a episódios cruciais da Revolução Cubana e são analisadas nas perspectivas de gênero e localização, que ajudam a traçar um paralelo entre as histórias do pai e da filha, ambos protagonistas das ações que consolidaram a Revolução.

Palavras-chave: Revolução Cubana. Narrativa. Memória traumática. *Combatiente*. Olga Angulo.

Abstract: This article explores the political experience of Olga Estela Angulo Alonso, based on her autobiographical narrative, which is intrinsically linked to the actions of her father, Manuel Angulo Farrán, one of the martyrs of the Cuban Revolution. The fact that she entered the clandestine struggle at a very young age, for his paternal position in the *Movimiento 26 de Julio*, and that she participated in historic moments of the clandestinity in Holguín, in eastern Cuba, were structuring factors for her constitution, in the past, as a *combatiente*. During the interview, the subjectivity of a young woman who carries within herself the duty towards her father's legacy emerges, at the same time that she had to deal with the traumatic memory of the torture inflicted on both by Fulgêncio Batista's dictatorial government tyranny. Thus, the pages that follow narrate and analyze the political and subjective paths constructed by a political subject who, in the present of her life, because of her health condition, her memory fades and prevents her from narrating what has always constituted herself, before being a *combatiente*, she was her father's *Olguita*. Oral history and traumatic memory are intertwined with crucial episodes of the Cuban Revolution and are analyzed from the perspectives of gender and location, which help to draw a parallel between the stories of the father and daughter, both protagonists of the actions that consolidated the Revolution.

Keywords: Cuban Revolution. Narrative. Traumatic memory. *Combatiente*. Olga Angulo.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Era uma noite de dezembro, um ano antes do triunfo da Revolução Cubana, Olga Estela Angulo Alonso e sua mãe Estela Alonso Borrego são levadas ao regimento militar de Holguín por participarem da luta clandestina contra a ditadura de Fulgêncio Batista.¹ Naquela noite, as duas mulheres vivenciaram um episódio que ficou marcado em seus corpos, subjetividades e existências, que ao ser narrado por Olga,² foi nomeado por ela como um espetáculo macabro. Ao serem conduzidas para dentro do regimento por soldados armados e abaixo de muitos insultos, ao acessarem o pátio central se deparam com homens enfileirados, amarrados e torturados. Olga observa por um momento a cena. Para ela, eram homens de cor, por terem rostos negros. Ainda tentando entender a situação, foi surpreendida por um grito estridente: “*Angulo, aquí tienes a tu hija, que es una perra igual que tú*” (ALONSO, 2013). E neste instante, suas pernas estremeçeram e seu mundo desabou ao identificar o homem que levantou a cabeça para mirá-la. Manuel Angulo Farrán, um dos líderes do *Movimiento 26 de Julio* – MR26J, um mártir da Revolução Cubana e, antes de tudo, seu pai.

Considero esse episódio uma porta de entrada bastante reveladora para iniciar este artigo, que explora a experiência política de Olga Angulo a partir de sua memória autobiográfica, que está intrinsecamente atada à atuação do seu pai na luta pelo triunfo da Revolução Cubana. Assim, as páginas que seguem podem ser exploradas entre caminhos políticos e subjetivos construídos por esta *combatiente*, filha de herói.

Esta pesquisa teve início a partir da experiência que tive em 2013, quando estive em Cuba para uma missão de estudos pelo Programa CAPES/MES-CUBA, entre a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Oscar Lucero Moya, de Holguín. Como resultado, entrevistei 12 mulheres que foram *combatientes* no período de 1955 a 1960, da luta clandestina e do exército rebelde contra a ditadura de Fulgencio Batista, e posteriormente, em 1958, atuaram nas milícias femininas de defesa da Revolução e foram fundadoras da Federação das Mulheres Cubanas.³ Meu objetivo era cartografar os protagonismos políticos de mulheres em todos os âmbitos da luta pela Revolução Cubana,⁴ ao revés do silenciamento na e pela história militar da Revolução sobre a participação feminina. Cotejando o pensamento de Leonor Arfuch (2013), apesar da constante participação feminina em projetos revolucionários, as mulheres militantes, guerrilheiras e combatentes continuam sendo invisibilizadas nos discursos oficiais.

Cabe dizer que ao longo do texto o termo *combatiente*, seja se referindo a Olga ou outras cubanas que lutaram pela Revolução, será destacado em itálico e mantido em espanhol. Primeiro, por ser uma das formas como foram conhecidas essas mulheres

¹ No ano de 1952, após um golpe de Estado, o governo repressivo do General Fulgêncio Batista iniciava o período ditatorial na ilha. Ver: (CHICHARRO, 2019).

² Entrevista de Olga Estela Ângulo Alonso foi concedida à autora em 24 de dezembro de 2013, Holguín. Acervo da autora. As fontes, entrevista e imagem, reproduzidas no artigo se apoiaram no Termo de Cessão assinado pela entrevistada. Agradeço imensamente a losneisy Portelles Pérez, amiga cubana, que transcreveu a entrevista em espanhol agregando as formas específicas de se expressar em Cuba. Analisar a entrevista no idioma da entrevistada foi imprescindível para a escrita deste artigo.

³ Como assinala Margaret Randall (1972), o projeto social da Revolução expressou a vontade política de promover a igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres. Oferecia às famílias e, dentro delas, em primeiro lugar, às mulheres, possibilidades reais de participação plena no processo revolucionário. Por isso, era fundamental promover mudanças de atitude e mentalidades das mulheres e de toda a população no que diz respeito ao seu papel e lugar na sociedade (RANDALL, 1972, p. 36). Assim, ainda nos primeiros anos da Revolução nasceu a Federação de Mulheres Cubanas, para a igualdade das mulheres cubanas em todos os âmbitos da nova sociedade que se formava. Segundo Vilma Espín, “*el papel jugado por la Federación de Mujeres Cubanas en este período ha sido determinante, posibilitando la participación de la mujer en todos los frentes, aportando de forma entusiasmada y decisiva su contribución al proceso, así como canalizando las opiniones de la masa femenina em las cuestiones de toda la sociedad y en especial lo relativo a las mujeres*” (MINISTERIO DE JUSTICIA, 1977, p. 3).

⁴ A luta pela Revolução Cubana foi dividida em dois momentos, a luta insurrecional, de 1952 a 1958 (luta clandestina e a guerrilha na *Sierra Maestra*), posteriormente na defesa da pátria com os trabalhos de segurança e proteção do país (milícias revolucionárias), que se iniciam com a Revolução em 1959 e seguem até os dias de hoje.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

durante e após o triunfo da Revolução Cubana, entre guerrilheiras, revolucionárias, insurgentes, opositoras. E segundo, por perceber que no presente da vida de muitas das mulheres que entrevistei, o termo específico *combatiente* as constitui subjetivamente como sujeitas políticas. Portanto, a tradução de *combatiente* para o português não seria forte e digna o suficiente para representar o protagonismo e o legado dessas mulheres na e pela Revolução. Assim, considero que referenciar Olga como *combatiente* respeita sua constituição identitária e vislumbra sua relação de pertencimento à luta e conquista da Revolução, tão cara à população cubana.

A historiadora Michelle Chase (2015) argumenta que as *combatientes* foram cruciais no processo revolucionário, “elas contribuíram de inúmeras maneiras para as condições nas quais uma certa visão revolucionária se consolidou e se espalhou” (CHASE, 2015, p. 02). Ao se mobilizarem, protestarem e denunciarem, ou ao se associarem a grupos revolucionários, sejam clandestinos ou exército rebelde, elas não estiveram na retaguarda, e, por conseguinte, “as mulheres mudaram o curso do processo revolucionário” (CHASE, 2015, p. 02). Contudo, por mais que a obra de Chase seja considerada referência sobre o tema, as *combatientes* foram identificadas dentro da categoria unificadora “mulheres”, negligenciando a atuação das mulheres negras. O que para a pesquisadora cubana Noemí Rivera de Jesús, “es necesario investigar la participación de las mujeres negras en la revolución. Hasta el momento no conocemos obra relacionada a ese tema” (2017, p. 13). Segundo ainda a autora, nem mesmo o livro *Emergiendo del silencio Mujeres negras en la historia de Cuba (2017)*, produzido pelas integrantes do *Grupo Afrocubanas*, que pretendia “dar un paso más hacia la reconstrucción de la memoria histórica de las cubanas afrodescendientes” (RIVERA DE JESÚS, 2017, p. 13), trouxe capítulos sobre a participação das mulheres negras na Revolução.

Em contrapartida, mas somando ao enunciado de Riviera de Jesús, destaco a urgência de se analisar, a partir da perspectiva interseccional, a relação entre raça, classe, política e protagonismo feminino na Revolução. Apesar de Olga, a protagonista de meu texto, ser uma mulher branca, de uma família que tirava seu sustento de um empreendimento próprio, a Rádio Angulo, e filha de um dos dirigentes do alto comando no MR26J, pertencendo assim a um lugar privilegiado social e economicamente, considero importante marcar a multiplicidade de protagonismos femininos na luta pela Revolução, e com isso evidenciar a participação das mulheres negras que permanecem ainda subalternizadas ou invisibilizadas. No grupo de mulheres que entrevistei em Cuba, algumas eram negras, contudo, nem todas reivindicaram para si a identidade de mulher negra. E acredito que isso se deve em muito, pela maneira como a Revolução administrou desde muito cedo a questão racial.

Conforme Giselle Cristina dos Anjos Santos (2010) a questão racial foi compreendida enquanto divisionista pelos articuladores do projeto social da Revolução. Frente a necessidade da construção de um novo homem e uma nova mulher⁵ para a sociedade que se formava, o governo revolucionário declarou em 1962 ter superado as desigualdades raciais, assim, particularidades raciais eram secundárias à política. Como desdobramento, a população negra não se aglutinou em organizações próprias e não recebeu políticas públicas direcionadas às suas especificidades. Neste sentido, a autora pergunta: “(...) o que mudou para as mulheres, a população negra, e em especial para as mulheres negras após a revolução?” (SANTOS, 2010, p.4).

Yusimí Rodríguez López, (2011), questiona o entendimento presente na sociedade cubana, inclusive por membros/as do próprio Partido Comunista de Cuba, que os homens e mulheres negras somente se tornaram visíveis à sociedade graças às conquistas da

⁵ Conforme a autora “a FMC que tinha como objetivo integrar à nova mulher à sociedade nunca se ateuve as particularidades das negras que não se encontravam em condições sociais iguais e não possuíam a mesma representação social que as demais mulheres. Sob a rubrica da unidade limitou-se a existência de discursos divergentes, foram extintas as organizações femininas existentes antes da criação da FMC, entre elas as frentes femininas das *Sociedades de Color* (SANTOS, 2010, p. 7).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Revolução. E pelo questionamento de que *“Las personas negras solo poseen dignidade gracias al triunfo de la Revolución? Los blancos ya eran personas antes del triunfo de la Revolución?”* (LÓPEZ, 2011, p. 203), a autora constrói o argumento de que na sociedade cubana não cabia as pessoas negras questionarem a invisibilidade do componente racial nas esferas de maior influência social (educação, trabalho, saúde, cultura), pois *“las personas blancas podrían incluso oponerse al Gobierno, podrían decidir no seguir sacrificándose, pero las personas negras no, porque ‘la Revolución hizo a los negros personas’”* (2011, p. 203).

Ambas as autoras reconhecem que as transformações sociais que ocorreram após a Revolução Cubana representaram ganhos à população, inclusive às mulheres negras, porém, a racialização permanece no imaginário social e reverbera, seja na ausência de políticas públicas⁶ ou na não escrita da história das mulheres negras na Revolução, pois, se na vasta bibliografia sobre a temática pouco é dito a respeito das mulheres que não foram erigidas como heroínas, o silenciamento sobre a questão racial e de gênero das mulheres negras fica evidente. Conforme Lopés contesta, nem pessoas eram consideradas antes da Revolução.

Olga, a *Olguita* de seu pai



Olga aos dezesseis anos. Época em que seu pai foi assassinado.
Fonte 1: Acervo pessoal da autora.

Olga foi uma das *combatientes* entrevistadas, e nosso encontro aconteceu na manhã do dia 24 de dezembro de 2013, véspera de Natal, na cidade de Holguín, na parte oriental da ilha. Encontrei Olga em sua casa, estava na sala à minha espera, um pouco ansiosa, devido à situação inusitada de receber uma estrangeira interessada em sua história de vida. No meio da entrevista, me contou que uma pessoa havia lhe dito para não deixar de falar comigo. Até aquele momento, eu já tinha realizado algumas entrevistas e, por mais que eu soubesse que, provavelmente, para mim a trajetória de vida de Olga seria fascinante, uma historiadora encantada pelas narrativas autobiográficas de mulheres militantes em contextos de revolução, não imaginava que sua memória seria repleta de lembranças traumáticas e expressaria episódios vividos sob os horrores da tirania batistiana.

⁶ Sobre políticas públicas e mulheres negras em Cuba, ver: (SEPTIEN, 2018).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Olga, personagem central deste texto, foi uma das muitas mulheres *combatientes* da Revolução cubana, aderiu ainda muito jovem à luta clandestina através da militância de seu pai, Angulo, membro destacado do MR26J em Holguín, que atuou nas atividades clandestinas na parte oriental da ilha, principalmente entre Holguín e Santiago de Cuba.

Sí, todos, todos juntos, la familia, la familia íbamos a Santiago de Cuba, mi papá iba a buscar propaganda, a entrevistarse con Frank País o a recibir alguna orden o algo y nosotros íbamos siempre con él y así yo fui conociendo mucha gente de la Revolución, nos fuimos metiendo profundamente en la Revolución (ALONSO, 2013).

Portanto, falar sobre sua trajetória naqueles tempos, era sinônimo de evocar a memória acerca do pai. Seu protagonismo como revolucionária foi constituído com a presença dele, que ao mesmo tempo foi seu mentor e companheiro de luta nas tarefas políticas que a direção determinava. O traçado que escolhi para falar de Angulo, é através de Olga, a *Olguita* de seu pai.

*Yo te diré que mi infancia fue una infancia muy feliz, mi padre tenía una estación de radio que era la CMKO que hoy en día después que lo mataron se llama CMKO Radio Angulo, que es una de las emisoras de aquí. Como ya te dije mi niñez fue muy linda porque tuve gracias a ellos unos padres maravillosos, muy preocupados, mi padre era una persona muy amorosa, yo tuve una relación con él tan grande... yo tuve una relación muy linda, muy linda con mi padre, mi padre era una persona muy amante, muy cariñosa, un hombre humilde, él muy preocupado, él me llevaba a la escuela, él me buscaba en la escuela, él era una persona que le gustaba salir con nosotros siempre, ¡vaya!, él vivía para su hogar para su estación, él mismo construyó las torres de la emisora con su propio esfuerzo, y mi papá se subía en aquella torre tan grande, tan grande, que yo miraba allá arriba y todo el mundo decía: “¡Ay Angulo se cae, se cae de ahí!”, le amarraban una soga y él la hizo pedacito a pedacito. **Era una persona que nunca le tuvo miedo a nada.** (...) mi madre, que era una madre muy buena, muy amorosa, muy sacrificada... y... bueno, mi familia te puedo decir no me puedo quejar porque por lo menos tuve amor, mucho amor que es lo que uno necesita, anhela uno más y yo creo que por eso me hizo tanto daño algo aquí dentro (ALONSO, 2013, grifo da autora).*

A imagem paterna que Olga constrói para mim é de um homem amoroso com sua família, em especial com ela, sua pequena companheira das viagens a Santiago de Cuba. Por outro lado, por diversas vezes na entrevista, a imagem de seu pai refletia um homem valente e corajoso, seja por ter construído sua própria rádio ou por ter sido um dos alicerces da luta clandestina no oriente. A casa de Angulo se converteu em um lugar estratégico de encontro dos líderes da Revolução, como Frank País, Oscar Luceo Moya, nomes consagrados na história oficial da Revolução Cubana. A denominação da Rádio CMKO, inaugurada em primeiro de agosto de 1936, conforme William Gálves Rodríguez (1981), seguia normativas estabelecidas no Código Internacional, cujo C correspondeu a América Latina, o M a Cuba, o K identificou Holguín e O situou a emissora como a décima sexta registrada na província Oriente. A rádio, conhecida como *La emisora del pueblo*, criou espaços de grande aceitação entre os/as ouvintes, como o programa *La voz del Partido Comunista de Cuba*, assim como os 15 minutos diários dedicados aos programas da juventude socialista *Hermandad de Jóvenes Cubanos*, atuando também na resistência ao propagar informações codificadas da luta clandestina (RODRÍGUEZ, 1981, p. 300).

Olga relembra muitos momentos em família vividos com seu pai nessa luta. “*Mi papá recibió una orden donde le dijeron que para acá venía un comando que iba ajusticiar a Cowley, un asesino que había aquí*” (ALONSO, 2013). Coronel Fermín Cowley, chefe do Regimento Militar de Holguín, foi o responsável pelo assassinato de 23 revolucionários do MR26J de Holguín e Las Tunas, entre os dias 23 a 26 de dezembro de 1956, batizado pelo



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

povo de *Pascuas Sangrientas*. O objetivo era intimidar violentamente a população que agia na clandestinidade e, assim, desestabilizar o M26J na parte oriental. Em retaliação, a resistência organizou em Holguín o *ajusticiamiento*⁷ do Coronel, feito que teve grande participação e atuação de Angulo.

Olga conheceu Cowley quando o coronel foi até a rádio para uma conversa com seu pai, na entrevista a *combatiente* apresentou sua impressão muito própria dele.

(...) era un hombre con un porte muy distinguido, muy fino, casi siempre los asesinos son así, yo me acuerdo que ese día él fue, unos días antes, él fue a la Emisora porque andaba conociendo la gente, las emisoras, se metía en muchísimos locales por ahí, ese día se le hizo un café allá, ese hombre tan fino tú lo veías tan así tan tiposo y tú no podías pensar que dentro de ese hombre existiera un asesino (ALONSO, 2013).

Seu pai soube que a direção do MR26J planejava *ajusticiar* Cowley, para tanto um grupo de pessoas, entre Oscar Lucero Moya, William Gálvez, vieram de Santiago de Cuba e ficaram na casa de Fredesvinda Pérez, e Carlos Borjas já se encontrava em Holguín. O plano foi arquitetado com o auxílio de Angulo e, por vários dias, seguiram o coronel, que estava sempre fortemente escoltado. Uma interessante tática para sinalizar a localização de Cowley foi orquestrada através da rádio de Angulo, que tocava músicas diferentes para cada lugar que o coronel estivesse e, assim, os guerrilheiros saberiam onde encontrá-lo.

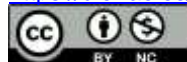
Na entrevista, Olga recordou que uma das músicas foi *Cachito*, da compositora mexicana Consuelo Velázquez Torres e, sorrindo, passou a cantarolar o refrão. Para mim, ao vê-la descontraída, em um dos únicos momentos em que isso aconteceu, pareceu-me que, muito mais que recordar, Olga transcendia e voltava ao passado, e se divertia com a engenhosa astúcia da ação da qual participou, evidenciando à sua entrevistadora que, na luta, era preciso ter criatividade, o que gerava momentos de intensidade e emoção.

Mas, um dia o coronel saiu sem a escolta, e Olga narra os meandros de seu assassinato:

Muchas veces ellos llegaban hasta cerca, miraban, pero había a veces que no se podía por la gente, porque era en el medio del pueblo, por las personas que estaban alrededor, porque estaba adentro de la discoteca, por la escolta, pero bueno... así... fue en esa... entonces... este... él fue el 22 de noviembre, él fue a la Cuban Air 17, y él se bajó allí y solamente fue con un chofer. Ese día fue, se avisó rápido de que estaba sólo y me acuerdo que los muchachos estaban sin vestirse... se pusieron la ropa rápido, se montaron en el carro y fueron para allí para Cuban Air y entonces allí se metió... e... William Gálvez, Carlos Borjas, Alfredo Abdón y Ramón Cordero. Se metieron allá adentro donde estaba comprando unas piezas entonces el que estaba despachando se dio cuenta de lo que estaba pasando pero se quedó muerto. Entonces le dieron un tiro a Cowley que fue Carlos Borjas prácticamente quien lo mató y William le cubría la retaguardia (ALONSO, 2013).

Na noite do ocorrido, na casa de Angulo, a alegria reinava, haviam conseguido cumprir a determinação da direção do MR26J. Lá estavam Willian e Carlos a comemorar com a família de Angulo, mas Olga estava a chorar, despertando a atenção da sua mãe, “*‘Pero por qué tú estás llorando’*. *‘¡Hay no sé, pero me parece que lo que viene para arriba de nosotros es una cosa tan terrible, tan terrible!’* *‘¡Hay no digas eso!’* *‘Ay no, algo malo viene para nosotros!’*” (ALONSO, 2013). E não foi diferente. A repercussão da morte de Cowley trouxe violentas retaliações com prisões, torturas e assassinatos, e, conforme Olga rememora, foi nesse momento que seu pai teve sua maior atuação, salvaguardou a vida de

⁷ Conforme o *Diccionario de la Lengua Española*, o termo *ajusticiamiento* se refere “acción o efecto de ajusticiar. Ejemplo: ejecución, ahorcamiento, fusilamiento, lapidación”. *Ajusticiamiento*. Disponível em <https://dle.rae.es/?w=ajusticiamiento>. Acesso em: 05 de junho de 2024.



muitos de seus companheiros do MR26J retirando-os de Holguín rapidamente. Diversas pessoas aconselharam que o revolucionário também se retirasse da cidade, mas Angulo se negou.

Na tarde do dia 29 de dezembro de 1957, a casa de Olga foi cercada por soldados em busca de seu pai. Olga relembra que seu pai estava com sua mãe na sala, sentados em um sofá azul. Angulo, ao perceber o que acontecia, se manteve calado, sentado no mesmo lugar. A primeira pessoa a ser abordada foi Olga.

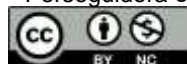
¡Ay Dios, eso fue una cosa terrible! Rodearon la casa, a mí me pusieron contra la pared con una carter... si alguien tocaba... ¡los vecinos estaban figúrate, aterrados!, me ponían una pistola en la espalda para que yo abriera la puerta y me decían: ‘Bueno, si aquí pasa algo tu eres la primera que...’ Porque a pesar de hacerse los guapos ellos sentían miedo, ellos sentían mucho miedo por dentro. Cogieron registraron toda, toda la casa, la viraron al revés, se llevaron a mi papá, mi hermano este, era más chiquito yo le dije: ‘por favor yo quiero que... que mi hermano que es chiquito que el vecino de allí se lo lleve para casa de mis abuelos’. Entonces uno que estaba accedió, y gracias a Dios y entonces nos quedamos mi mamá y yo en la casa. Por la noche nos vinieron a buscar, vinieron en una perseguidora⁸(ALONSO, 2013).

Apesar de ter sido um momento terrível, definido pela narradora antes mesmo de contar o episódio, seja por ter sido ameaçada com uma arma ou por presenciar a prisão de seu pai, coube a Olga a coragem de interceder e proteger seu irmão. Interessante notar que, quando Angulo foi preso, queriam levar somente seu filho, o outro homem da família, deixando Olga e sua mãe para trás. Possivelmente, a criança teria sido utilizada como instrumento na tortura do pai. Por mais que não tenham sido levadas e tenham permanecido na casa, compreendi que Olga sabia que elas ainda corriam risco, pelo seu pressentimento de que algo de muito ruim aconteceria com a família, depois da morte de Cowley.

Na noite do mesmo dia, a perseguidora, o carro dos militares, levou Olga e sua mãe para o quartel onde estava Angulo e outros membros do MR26J capturados. Para detalhar o sentimento do que foi vivido e rememorado por Olga, analisar a estrutura da sua narrativa e como ela constitui sua subjetividade ao narrar, proponho conhecermos um pouco mais sobre o episódio da sua prisão, por meio de suas palavras.

Llegamos allí entonces el Coronel Irenaldo García Baez me dijo: ‘ahora vas a ver’, nos llevó para un patio grande, cuando yo miré así en el patio estaba rodeado de soldados así, vi a mi papá en una silla con la cabeza baja las manos amarradas aquí en la silla. ¡Bueno, yo pensaba que era una persona de color, yo no lo conocí porque toda la sangre la tenía en la!... y ese hombre le dijo... Irenaldo le dijo: “Angulo aquí tienes a tú hija que es una perra igual que tú”. A mí a pesar de los nervios, yo se lo digo con honestidad yo no derramé una lágrima, yo lo que sentí fue una rabia tan grande, tan grande, que yo miraba al cielo así y decía: ‘Dios mío yo lo que quisiera es coger a mi mamá y a mi papá y irnos corriendo, corriendo, corriendo, corriendo, corriendo y alejarnos de esta cosa tan horrible’. Entonces, mi papá nada más me miró así, no les dijo nada, nada... toda la noche yo detrás de mi papá, mi mamá detrás de mí, en un taburetico comido ahí de hormigas, y de ahí venga y venga golpe y venga golpe y mi papá... no es porque haya sido mi papá pero... yo no sé mi papá era una cosa que yo digo que yo me siento tan orgullosa de él, porque ahí están todas las grabaciones y las cosas... mi papá nunca delató a nadie mi papá se murió con todo lo que él sabía, con todo ahí dentro de su corazón, toda la noche en suplicio, le quitaron la ropa... uno mirando toda esa

⁸ Perseguidora é a denominação cubana de uma viatura do exército, uma espécie de “camburão”.



humillación... [Llanto]. (...) Entonces nos pasamos la noche completa, completa, completa, mi mamá y yo ahí... yo nunca había visto... no sabía ni lo que era la muerte ni nada de eso... eso era una cosa tan grande, tan grande para mí pero tengo el orgullo que no derramé ni una lágrima, eso te lo digo aquí, ¡ni una lágrima!, yo lo que sí sentí fue impotencia, no se te decir, odio, y... rencor, no se... ¡todo!, se ajuntó todo, todo, todo, todo... aquello fue tan macabro... aquel hombre negro, negro, negro... toda la sangre toda, toda, toda, toda, toda la tenía pegada al cuerpo, a la cabeza, los ojos...lo que me duele es...porque él me adoraba y lo que me duele que él me sintió allí, que yo lo vi así que sale muerto...(...) nos soltaron, entonces el Coronel... fue cuando me dijo: “eres tan perra y tan mierda como tu padre” y yo le dije nada... pero pensé: ‘Quizás algún día nos podamos ver frente a frente... cuando pasen los años, usted y yo nos podamos ver frente a frente’ (ALONSO, 2013).

Novamente torna-se incontestável a coragem de Olga, seja por deixar emergir das profundezas de si a memória do trauma e me contar com detalhes os horrores vividos, mesmo sabendo que, ao narrar, iria reviver cada segundo daquela noite, ou a dor que a martiriza até o presente, de não ter reconhecido seu pai pela desconfiguração de seu rosto pela tortura.

As autoras Isabela Marques Fuchs e Gabriele Marchioro Gomes (2021) subvertem a escrita acadêmica sobre as trajetórias políticas de mulheres que resistiram ao autoritarismo no Brasil, ao definirem estas como mulheres corajosas. Em minhas pesquisas sobre o protagonismo das militantes paranaenses (CONRADI, 2015) relutei muito em nomeá-las como corajosas, pois denotaria à academia o meu fascínio por suas trajetórias de vida, acusando-me de uma falta de distanciamento na elaboração das análises. Hoje, me afasto das amarras da escrita acadêmica tradicional para falar sobre as trajetórias de mulheres, considerando a constituição de uma subjetividade guiada por afetos na minha escrita, entendendo, assim, que a coragem foi o que forjou a luta para muitas delas.

Era preciso ter coragem para enfrentar os desafios colocados pelo regime autoritário. Não só em atos grandiosos como na luta armada e tortura, mas era uma emoção necessária à sobrevivência. Frequentemente acompanhada de outras emoções, como o medo e até mesmo o amor e a amizade, a coragem se apresenta como uma emoção potencializadora para a resistência. Eram as pequenas faíscas de audácia que muitas vezes garantiam momentos históricos poderosos (FUCHS; GOMES, 2021, p. 89).

No mesmo sentido, Fuchs e Gomes discordam do entendimento de que ter bravura signifique ausência de medo, ou seja, uma falta de noção do perigo ao colocarem suas vidas em situações de risco. Ser corajosa era sentir medo, todavia, com firmeza de espírito. E definem que “mesmo décadas após os acontecimentos dos quais participaram, com suas memórias embaralhadas e marcadas por emoções, ‘coragem’ e seus derivados são sentimentos recorrentes” (FUCHS; GOMES, 2021, p. 72-73).

No fragmento apresentado acima, Olga evidencia que se sentiu orgulhosa de seu pai, mas também orgulhosa de si, de não ter derramado nenhuma lágrima que demonstrasse sua tristeza, seu pavor e medo. Era certo que ela sentia medo, contudo, o que surge de seu relato é o ímpeto de ser corajosa. Ao falar sobre a tortura, essa *combatiente* constituiu sua subjetividade como militante que não permitiu que o medo tomasse conta de si, mesmo frente a um conjunto de sentimentos, como impotência, ódio e rancor, teve bravura ao desafiar o coronel com seus olhos quando ele a chamou de *perra*, desejando vingar-se caso um dia estivessem novamente frente a frente.

Ainda sobre a tortura do pai, um amigo da família lhe contou que “(...) a él lo tienen ahí mañana, tarde, noche y le da el sol al mediodía lo tienen ahí, a él y a los demás”



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

(ALONSO, 2013). Foram 15 dias de tortura, e em nove de dezembro de 1957 Angulo, Rubén Bravo Álvarez, Atanajildo Cajigal Torres, Pedro Rogena Camayd, Mario Pozo Ochoa, Ramón Flores Carballosa foram assassinados.

Olga: (...) y lo mataron... esas son cosas que no se olvidan...

Carla: Y después que él apareció... alguien le entregó su cuerpo a la familia...

Olga: Lo pudimos...ah lo entregaron en el hospital, donde quedaba el antiguo hospital dejaron los cuerpos ahí...(...) Entonces ese primo Pepe Angulo, que siempre se lo agradeceré, lo recogimos, lo limpiamos, toda esa sangre...(ALONSO, 2013).

Segundo Manuel Ramirez Chamarro, durante a insurreição cubana foram assassinadas entre mil e três mil pessoas e, provavelmente, mais de vinte mil foram julgadas pelos tribunais militares do governo, sendo duzentas e setenta mulheres. E, provavelmente, mais de mil opositoras passaram pela sede judicial, acusadas de atuar contra o governo autoritário. Para o autor, “(...) *estos indicadores son la prueba de que la dictadura activó un estricto dispositivo de control y represión social para detener las movilizaciones sociales que propició o a las que dio lugar la insurrección*” (CHIMARRO, 2019, p. 318).

O velório de Angulo foi escoltado pela polícia, até no cemitério havia soldados vigiando os movimentos e as pessoas que foram ao enterro. A casa em que moravam foi lacrada pela polícia depois de ser revistada na busca de documentos e armas. Conforme a *combatiente* o que a polícia procurava estava em um esconderijo e jamais encontrariam. Tempos depois, na surdina, ela e um tio foram até a casa e retiraram tudo e coube a ele queimar, pois temiam pela vida de Olga.

Com o passar do tempo, a vida em Holguín ficou insustentável pela constante vigilância. Passaram um tempo em Las Tunas, na casa dos avós maternos, depois em Havana e seguiram para Miami. Mesmo fora do país, Olga não se esquecia de Cuba,

(...) allí estuve como 4 o 5 meses allí, como echaba mucho menos y todo lo que había pasado aquí, todas las cosas... entonces... el día que triunfó la Revolución junto con los exiliados, todos vinimos en un barco ¡en el Ferry! Cuando llegamos a La Habana era cuando Fidel iba a entrar a La Habana, eso fue emocionante, eso nos llenó de alegría (ALONSO, 2013).

Nota-se que o retorno não foi carregado de nostalgia ou de dor, mas sim de alegria, pois a Revolução havia triunfado. Olga se sentia feliz com a conquista dos revolucionários/as, mesmo que isso tenha custado a ela a perda de seu pai. Ela era também parte dessa luta, uma *combatiente*. Dentro das possibilidades de continuar a vida, seguir adiante, parece-me que ficar nos Estados Unidos não foi uma opção para a família. Como entendido, ainda nos dias de hoje, estar fora de Cuba é sinônimo de traição e, portanto, possivelmente sentiam que permanecer em outro país era trair a Revolução, e muito mais, era trair o legado de luta de seu pai.

Violências escalonadas: o sofrimento incomparável de Angulo herói e pai

Depois do martírio vivido na noite que passaram no quartel, Olga e Estela foram soltas e seguiram à casa dos avós. No outro dia, pela tarde, a perseguidora retornou e se encontraram novamente com Angulo. E a cena do “espetáculo macabro” continua a ser narrada:



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

(...) **no sé cuál era la idea que tenía ese hombre** que a cada rato me decía 'puta', me quitó la ropa, me dejó desnuda delante de aquellos guardias que se orinaban delante de uno mismo... yo te digo a ti que esas cosas no son fáciles. (...) Porque era una niña, **yo era una niña**, era una forma de herir y doblegar a mi padre, para que mi padre hablase ¿tú me entiendes?... de que nosotros estábamos presenciando eso... era una forma de tortura... de... **y yo no sé porque él parece que lo que quería** era que me violaran que los guardias me cayeran arriba, no se... algo, algo me protegió, no sé qué porque me llegó a quitar la ropa y me dejó desnuda allí... así que... es una cosa que era para eso, por eso te digo que **mi papá tuvo que haber muerto con ese dolor...** [llanto]...

Carla: A usted ¿llegaron hacerle algún daño?

Olga: ¿A tocarme?, no... parece que tenía algo, algo pasó que cuando ... no sé... cuando ellos no siguieron el show ese... pero esa era la forma de torturarnos, entonces después... después fue que mató a mi papá (ALONSO, 2013, grifos da autora).

Ao mesmo tempo em que a narradora repete, por duas vezes, não compreender por que fizeram isso com ela, realça que a intenção era mortificar seu pai. O fragmento contém o que foi sentido no passado, mas na narrativa apresenta sua compreensão sobre o vivido. Dito de outra forma, na época, Olga pode não ter compreendido o motivo de tanta violência ao ser exposta a homens que indecorosamente urinam frente a sua nudez, todavia, na entrevista, diante dos desdobramentos que se sucederam, a *combatiente* tem consciência de que o objetivo era ferir e dobrar seu pai. Esse momento me parece potente para a análise de uma questão singular no contexto da ditadura militar batistiana, o ato de ameaçar o pai para que colaborasse, frente à possibilidade de violação de sua filha.

Em minhas leituras sobre as relações de gênero no contexto da ditadura brasileira, entendo que a repressão explorou as relações das mães torturadas com seus filhos e filhas, mas não as relações de paternidade, ou seja, de pais com relação a filhos e filhas.

Sobre este tema, Maria Amélia de Almeida Teles afirma:

A maternidade foi um dos meios de tortura utilizados pela repressão política. Foi usada para enlouquecer e fragilizar militantes, o que causou, em muitas situações, o enfraquecimento afetivo e emocional às mulheres e às crianças. As mães, por serem violentamente reprimidas pela ditadura devido à militância política, eram obrigadas a assistir suas crianças serem submetidas às mais vis torturas psicológicas ou físicas (2015, p. 1017).

Diferentemente do apelo à maternidade na tortura, como no caso de Amelinha e de tantas outras mulheres, a violência de gênero que se deu sobre o corpo nu da jovem *Olguita*, diante do pai torturado, era endereçada ao pai, era sobre sua honra e a da família, tendo como instrumento a exposição e a ameaça ao corpo da filha. Todavia, ainda hoje, pouco se sabe do uso desse tipo de estratégia sobre homens torturados no contexto das insurreições na América Latina.

Mas, na constituição de sua subjetividade enquanto *combatiente*, Olga se percebe como uma mulher que foi torturada? Tal questão me fez esmiuçar a entrevista como um todo, por considerar que Olga sofreu violências de gênero sobre seu corpo - preso, exposto e ameaçado -, e também psicológica, ao ser obrigada a assistir, junto com a mãe, à tortura do seu pai. Pela reiteração do relato sobre essa cena, e a centralidade na imagem do pai torturado, entendo que o episódio narrado tenha afetado, em muito, sua subjetividade. Ainda assim, apesar de carregar em si uma memória traumática, me parece que a *combatiente*, na leitura que fez de si, não se percebe como uma mulher torturada.

Quando narrou o episódio, com muito choro, identifiquei que a dor de Olga dava conta muito mais dos sentimentos do pai, por presenciar que os homens que o torturavam contemplavam a nudez de sua filha, do que do seu próprio sentimento por ter vivido tal



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

situação. A expressão utilizada por ela, “(...) *por eso te digo que mi papá tuvo que haber muerto con ese dolor*”, é significativa, principalmente ao ser associada a outro entendimento que ela traz: “*yo era una niña*”, aludindo com afeto que ela era a menina dele, sua *Olguita*.

Na visão do passado, sua subjetividade é a de uma menina, tanto por ser ainda muito nova, com seus dezesseis anos, quanto pelo sentido afetivo de ser a menina do seu pai. Olga se mostrou demasiadamente ressentida ao narrar que o coronel Irenaldo García a chamou de “puta” por diversas vezes. Indignada com a lembrança da situação, ainda questiona: como uma menina poderia ser uma puta?

Muitas militantes brasileiras também mencionaram, em seus depoimentos, que foram chamadas de “puta”, como uma primeira violência sofrida antes de qualquer outra, uma das práticas misóginas que demarcaram as relações entre a tortura aplicada às questões de gênero. A mulher da militância contra a ditadura, ou a guerrilheira, encontrava-se totalmente em desacordo com os moldes sociais vigentes no regime militar. Conforme Olívia Joffily,

Para o agente de segurança, a alteridade que o distanciava do inimigo não poderia ser mais completa. A militante de esquerda, no seu sistema de referências, não está associada à figura mais próxima da mãe, esposa, filha ou irmã, ela ocupa um lugar que se encontra na margem oposta, o de puta, vaca, vadia. Daquela que não se contenta com o espaço privado que lhe cabe de direito, e quer ocupar aquele destinado aos seus pares, os homens. A condição de mulher das oponentes é tomada como um dado a mais a aumentar o fosso que os separa; e utilizada como ferramenta de humilhação e de destruição da auto-estima do outro (2010, p. 230).

Se formos lembrar, o grito “(...) *Angulo aquí tienes a tú hija que es una perra igual que tú*” (ALONSO, 2013): simultâneo à chegada de Olga ao quartel, quando ela descobre que o homem supostamente negro era seu pai ensanguentado, era antes de tudo um grito misógino, uma das primeiras violências de gênero que sofreria. Quando lhe diziam: “(...) *eres tan perra y tan mierda como tu padre*” (ALONSO, 2013), significava dizer que ela estava na margem oposta, a de *perra*, de puta.

A militância *combatiente* de Olga Angulo Alonso e a militância pela memória

Para uma análise de sua estrutura narrativa, era preciso que eu compreendesse quais foram os motivos que levaram Olga a conceder a entrevista. Como assinala Dora Schwarzstein (2001), a entrevista constitui uma relação intersubjetiva entre quem narra e o outro que lhe convoca a falar.

Toda entrevista estabelece una relación entre dos personas y revela tanto las motivaciones del entrevistado como del entrevistador. He intentado mantener una actitud neutra y no interferir en el discurso de los entrevistados. Soy consciente, sin embargo, que, como en toda entrevista, mi sola presencia y mis preguntas orientaron e impregnaron esa narrativa (2001, p. 82).

Levando a assertiva da autora em consideração, compreendo que ao questionar a *combatiente* sobre a entrevista, ela transferiu para mim a responsabilidade daquele encontro, estabelecendo um compromisso comigo.

Carla: Para finalizar, por qué usted aceptó hablar conmigo, hablar sobre todas esas cosas que se ve que son tan difíciles.

Olga: Empecé y ya ves, te dije cosas unas, así de una forma y de otra, porque al principio me empecé a sentir nerviosa y me empecé a dar como



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

taquicardia pero pensé, no puedo quedar mal con ella, entonces más o menos me fui después... porque si tuviera que contar todas las cosas grandes, grandes, grandes no hubiéramos acabado hoy... pero a veces las fuerzas a uno no y estos son días así de... ¿tú me entiendes?... de estar tranquilos, no recordar cosas... una persona que me dijo no dejes de hablar con ella, porque yo no soy muy así de estar contando las cosas (ALONSO, 2013).

Um episódio, ao ser narrado, me fez pensar que suas intenções de fala, e mais, conceder a entrevista a uma estrangeira tinha sentidos específicos, o de ser guardiã da memória do legado do pai. Uma das memórias que infringiu em Olga muita dor foi quando seu pai se despediu dela, uma semana antes da prisão.

*‘¡Olguita yo me voy a morir!’, yo le dije: ‘¡Hay no digas eso si tú vas a durar todavía muchos años, no, no digas eso!’. Qué sabía yo en ese momento, mi ingenuidad, esa cosa que uno tiene luego a esa edad, y dice: ‘¡Sí!, yo lo único que quiero es que te portes bien, que le hagas caso a tú mamá, que vivas una vida, **que me recuerdes siempre...**’ Y yo lo único que hice fue abrazarlo... [llanto]... y besarlo, no sabía que estaba... no sabía que estaba abrazando a un muerto... [llanto] Pero él se lo presintió, él lo supo... He hablado contigo, **faltan muchas cosas por decir, muchas cosas por escribir**, los mismos pensamientos, las mismas angustias no te dejan poner todas sus cosas (ALONSO, 2013, grifos da autora).*

Essa não foi a primeira vez que Olga foi entrevistada,⁹ contudo, a primeira vez que contou sua trajetória de vida a uma estrangeira. Parece-me que a narrativa, na entrevista, foi revestida de um novo sentido pela *combatiente*, o de testemunhar o que fizeram com seu pai e todo o seu heroísmo, respeitando seu último pedido: “(...) *que me recuerdes siempre*”. E é por tal motivo que, talvez, mesmo com uma subjetividade forjada pelo trauma, Olga não se constitui como uma das vítimas da ditadura.

Segundo Leonor Arfuch, “(...) *dar pruebas desde otro lugar, cuya autoridad se construye justamente en el relato: el de sobreviviente*” (ARFUCH, 2012, p 54). Assumir a posição de sobrevivente é sobrepor-se às consequências devastadoras da repressão e da violência, é recordar para denunciar, é, conforme Arfuch, o lugar de agência, onde se entrecruzam identidade, verdade e poder. E assim, no presente de sua vida, testemunhar a experiência traumática se revestiu de novos significados. Olga reafirma sua identidade de *combatiente*, principalmente por instaurar um espaço de verdade e de poder com a sociedade cubana ao denunciar, constantemente, o assassinato do pai e nomear Irenaldo García como seu assassino.

Irenaldo García, o homem que chamou Olga de *perra*, foi um militar cubano destacado durante a ditadura de Fulgêncio Batista, conhecido pelos terríveis crimes que cometeu contra opositores/as clandestinos/as. García escapou da justiça revolucionária em primeiro de agosto de 1959, em um dos primeiros aviões que partiram de Cuba para Miami. Olga, a porta voz do legado de seu pai, se indigna não somente pela impunidade desse homem, mas por ele estar trabalhando com crianças na atualidade.

(...) no entiendo por qué ese asesino puede estar vivo todavía, que él acabó no sólo con la vida de nosotros sino con muchos en la isla que él mandó a matar y que él mató personalmente, ¡él era una bestia, una hiena...! ¡Y es profesor! ¿Cómo tú concibes eso? (...) Cómo va a ser posible que ese señor

⁹ Olga foi entrevistada por Cesar Hidalgo, jornalista que produziu a série de reportagens “Testigos del tiempo” pela emissora de televisão Telecristal, da província de Holguín. A reportagem pode ser assistida pelo canal do Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v77N05x_IY&t=13s. Acesso em: 05 de junho de 2024.



enseñe a esas criaturas, qué le puede enseñar, qué les puede estar enseñando (ALONSO, 2013).

Segundo Olga, “(...) *faltan muchas cosas por decir, muchas cosas por escribir*” (ALONSO, 2013) e, portanto, retornou a falar sobre o passado a uma historiadora que buscava compreender a história da Revolução através dos protagonismos femininos, que produziria uma escrita não comprometida com a história oficial de Cuba e ultrapassaria os limites da ilha. Quiçá, para ela, minha escrita corresse o mundo e cumprisse um propósito seu, chegar até o ex-coronel e a todos ao seu redor, revelando o facínora que ele foi, como forma de anunciar, que apesar de tanto tempo, ela estava novamente frente a frente com ele, mantendo a história dos dois, pai e filha, letra viva. Este é o lugar de agência, que define Arfuch.

Inclusive na constituição de sua subjetividade de *combatiente*, que emerge no presente, quando Olga enfatiza que estar ao lado da Revolução foi a decisão certa, tanto que não permite que outros desqualifiquem o fato histórico.

Carla: *Más, después de la muerte de su padre usted se decepcionó con la Revolución.*

Olga: *Yo te voy a decir a ti una cosa, peleo que se yo, pero sé con quién, a quién se lo digo, pero, no le permito a nadie que me hable mal de la Revolución porque bueno, yo sí puedo tener una opinión porque yo sufrí en carne lo que... lo que costó esto, pero éste que es un mentecato que no hizo nada y que vive a costilla de la Revolución no puede abrir la boca. ¿Tú me entiendes?*

Carla: *Sí*

Olga: *Es así, y hay gente que no comprende esas cosas, pero es así...*

Carla: *¿Y no existe un reconocimiento del Gobierno en relación a su padre?*

Olga: *Cómo no, mi padre es uno de los principales mártires de éste Pueblo* (ALONSO, 2013).

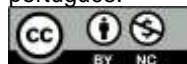
Seu processo identitário passa não somente pela luta contra a ditadura batistiana, mas também pelo orgulho de ser *Olguita*, filha de um dos principais mártires do Oriente da ilha. Quando a entrevistei, Olga tinha oitenta e três anos e ainda se comprometia com a história de seu pai, mesmo quando solicitei que me contasse sobre a sua própria trajetória política para o triunfo da Revolução. Quando preparava a escrita deste artigo, procurei saber sobre a Olga, e suas netas me informaram que ela estava doente, em um processo degenerativo de demência senil.

Se para Olga, no momento da entrevista, *ojalá*¹⁰ essa historiadora pudesse dar continuidade à missão de escrever a história de seu pai, para fora da ilha. No momento da minha escrita, isso se configura como uma responsabilidade ética. Analisar a entrevista que a *combatiente* me concedeu de forma generosa e comprometida com seus dilemas subjetivos.

Narrativa de uma mulher que viveu os horrores da tirania batistiana

¿Se puede hablar del horror/la barbarie? La respuesta hoy será, **‘Palabras a pesar de todo’** palabras para ser escuchadas por otros, para ser tensadas, hasta ser capaces de “inscribir en la memoria colectiva el trauma individual y social (MIRZA, *apud* SAPRIZA, 2010, p. 107, grifo da autora).

¹⁰ Expressão em espanhol que denota desejo e esperança. O termo é similar à expressão "tomará " em português.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Estudos sobre a violência política no contexto da insurgência cubana, como de Michelle Chase (2015) e Lorraine Bayard de Volo (2018) têm analisado as violências sobre os corpos e subjetividades das *combatientes* desde uma mirada de gênero. Ambas as autoras concluem que, uma vez que as mulheres passaram a ser suspeitas de rebeldia, a violência política exercida contra elas adotou formas sexuadas, como ameaças de violações, forçar a nudez, agressão sexual, individual ou coletiva, assim como a tortura nos órgãos femininos.

Apesar das denúncias públicas das opositoras que sofreram violência sexual naqueles anos, a maioria das violações realizadas pelos agentes da repressão ficaram conhecidas através dos testemunhos orais das mulheres a pesquisadores/as. Como o caso de Ángela González, integrante no Ocidente da ilha de uma das células de ação e sabotagem do MR26J, narrado pela historiadora Lorraine Bayard de Volo. Conta a *combatiente* que em outubro de 1958 a polícia entrou em sua casa, onde dormia com outras mulheres, e “(...) *me rasgó la ropa de noche, me golpeó, me hizo todo, después fui dejada en mano de los oficiales para que ellos pudieran violarme y humillarme*” (BAYARD DE VOLO, 2018, p. 127).

Olga também narrou sua memória sobre o trauma vivido, sua nudez, e possível violação, o ressentimento de não ter reconhecido o pai na noite em que foi torturado, dele ter visto sua filha nua diante dos torturadores. Diferente de Ángela ou de outras *combatientes*, seu ressentimento emerge pela veneração que tinha do pai. Não olha para si própria pela violência e exposição que viveu, mas pelo significado do que o pai vivenciou naquela situação. Por isso é tão difícil lembrar!

Lembrar do pai, que a tratou com tanto carinho, e a dor que sentiu ao ver sua *Olguita* em situação de risco. Mesmo em ele ter se preocupado muito mais em salvaguardar a vida de seus companheiros da clandestinidade do que em proteger a si e a sua família para que não passassem pelos horrores da tortura. Pois, como Olga me disse, com um orgulho sem fim, “(...) *le custo a vida, pero los saco*” (ALONSO, 2013). No entanto, não custou somente a vida dele, mas também o trauma que a *combatiente* adquiriu e a vida que não foi vivida um ao lado do outro. Contudo, parece-me que Olga não se ressentiu pelas escolhas do pai.

Carla: *Aun duele eso, hablar sobre eso...*

Olga: *Duele, ya yo te lo dije que la llaga que parece que ya cerró, que cicatrizó, mentira, cuando la empiezas a tocar empieza a sangrar otra vez y na... A mí me lo decía mi padrino Bernardito, no Olguita, tú sabes con qué se quita eso, con la muerte, eso no lo quita nadie en la vida* (ALONSO, 2013).

Dora Schwarzstein destaca que os depoimentos transcendem a mera apresentação de fatos históricos, revelando também o impacto desses eventos na vida dos indivíduos que os vivenciaram e, de maneira ainda mais significativa, o impacto das lembranças desses eventos na vida presente, no exato momento em que o depoimento é dado. Ao analisar a trajetória de vida de Olga, tendo a concordar com a autora, uma vez que os depoimentos sobre experiências extremas ou traumáticas possibilitam uma reflexão não apenas sobre os fatos históricos narrados, mas também sobre suas representações, pois a História vai além da simples verificação e descrição de eventos passados (SCHWARZSTEIN, 2001, p. 78-79).

De fato, “(...) *la memoria de experiencias traumáticas plantea desafíos particulares. Este tipo de experiencias puede producir trastornos psíquicos y físicos perdurables*” (SCHWARZSTEIN, 2001, p. 80)

Esa fuerza de mi padre, válgame eso, si no fuera por eso ya estuviera... a lo mejor en el cementerio... y... tengo días tristes ... es los recuerdos, se te unen todos y aunque uno no quiera... siempre hay un pensamiento, siempre hay alguien... que... que tú recuerdas, que tú quisieras, que tú añoras, esos son días tristes. (...) Pero sin embargo, aunque te parezca a ti y los que me



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

*escuchen, sin embargo yo perdoné a muchos de los que lo torturaron y lo perdoné a él también [García] aunque acabó con mi vida, pero lo perdoné porque yo no puedo vivir con esa cosa y **morirme con ese rencor** ¿tú me entiendes? (ALONSO, 2013, grifo da autora).*

A força herdada pelo pai que lhe acompanha pelos dias tristes, como uma forma de barrar a memória do vivido que emerge na subjetividade. Mas, a maneira como o trauma atua em sua subjetividade, onde os sentimentos de fragilidade e pavor são recriados pelo anseio de “*Dios mío yo lo que quisiera es coger a mi mamá y a mi papá y irnos corriendo, corriendo y alejarnos de esta cosa tan horrible*” (ALONSO, 2013), são revividos no presente, quando ela precisa encarar e superar os dissabores da vida. Por conviver a tanto tempo com o trauma, ela sabe que “*(...) son secuelas de lo que viví, que me hacen revivir ese momento*” (ALONSO, 2013). E como forma de lidar com a experiência traumática duradoura, Olga exercita o perdão, possivelmente por ela mesma.

Depois de algumas horas juntas, entre empatia, acolhimento e choros, agradeço a Olga por compartilhar sua história comigo e, enquanto caminho de volta para minha casa cubana, compreendo que “*Palabras a pesar de todo*” é o que define a vida de *combatiente*, em que “*(...) a veces no se... como dicen, es bueno sacar lo que hay dentro...pero bueno*” (Alonso, 2013). Com essa última frase, parece-me, que talvez, Olga estaria aos poucos se despedindo daquela história, pois, dada sua condição de saúde atual, em que a memória pouco a pouco se esvai, a finitude de sua vida será sem o rancor, como desejou.

Últimas reflexões

“Cuando se cierra los ojos y se presta atención a las historias de vida sobre aquellos años, se percibe cómo, entre el estruendo de las multitudes que llamaban a la revolución, también podía escucharse la voz de las mujeres” (CHICHARRO, 2019, p. 326).

Olga é quem carrega em si a memória do vivido com seu pai, como a única pessoa que pode rememorar de maneira singular a militância e o heroísmo de Angulo. *Olguita* é a guardiã do legado do pai, um legado que, quando acionado, traz à tona sua memória traumática. Quando perguntei “*¿Su dolor se quita con la muerte?*” dada sua reflexão sobre as palavras do padrinho Bernardito, ela me respondeu, entre dor, coragem e esperança:

Sí porque él decía que es una llaga y como fue una cosa que tú no te esperabas, no era una enfermedad, fue una cosa que de momento, que esas son las cosas que más te tocan el corazón (...). Así que estés feliz, contento y de momento ¡paf!, te viene, no es fácil porque eso te destruye, eso te acaba. No te creas yo tengo mis días también, de momento con tantos años que han pasado, pero nooo... hay que fortalecerse, tengo por quién vivir ahora, y ahora tengo que estar con mis muchachitas, con el otro varón. La vida a pesar de todo ha sido benévola porque me dio mis nietas, aunque ellas no me quieran... [risas]... ellas saben que yo las adoro. Abuela esto, abuela esto otro, abuela que quiero comer un helado, abuela... y abuela a todo le da el frente (ALONSO, 2013).

Frente à renovação da história, na fala dessa avó sobre as netas, proponho uma reflexão sobre a importância do relato de Olga Angulo quando ele ocorre. Se ela não se permitisse falar comigo, possivelmente sua história como *combatiente* e sua versão da história do pai teriam se perdido com o fim da sua dor, com sua morte. Isso levanta uma discussão, que entendo como pertinente, de como nós também somos portadores/as da nossa (in)visibilidade, e isso se processa muito pela falta de uma escuta atenta e sensível. Além disso, a entrevista ocorreu num momento em que ela queria narrar sua história; presumo que foi o momento em que ainda pôde falar sobre isso. Hoje, talvez a dor de Olga



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

esteja se esvaindo, assim como sua memória, devido ao estado de demência, informado recentemente por uma das netas.

Por mais que eu tenha sugerido, ao longo do texto, quais poderiam ser as intenções de Olga em conceder a entrevista, sinto ser difícil mensurar objetivamente os motivos. O que sei é que ela não quis se calar, pois “(...) *para algunos su idea de justicia significó decir la verdad tanto legal como históricamente, mientras otros eligieron callar, intentar olvidar*” (SCHWARZSTEIN, 2001, p. 79).

Antes do nosso encontro, pensei que sua trajetória, apesar dos traçados subjetivos únicos, fosse muito similar às histórias de outras *combatientes* que entrevistei, não sabia que envolveria uma narrativa de dor, denúncia do assassinato, além do lamento pela saudade de seu pai. Assim, o que consigo definir, após esta análise, e pela experiência com a história oral, é que conceder a entrevista tem a ver com ser a guardiã da memória de quem já se foi - mas continua a ser lembrado por quem foi e pelo que fez pela história do seu país -, no caso Angulo, que lutou pelo fim da tirania batistiana que aterrorizou a Cuba pré-revolucionária. Ouso dizer que quem estava ali conversando comigo não era somente a Olga *combatiente* da luta clandestina no Oriente, mas *Olguita*, a filha de seu pai.

E ela conseguiu passar adiante a memória que guardava, antes de ser diagnosticada com demência. Sua condição atual me convoca a uma postura ética relacionada ao propósito de Olga, quando depositou em mim a esperança de ver a memória do pai divulgada, seguindo adiante, para um outro país, fora da Cuba revolucionária.

Com o que propõe Alessandro Portelli (1997), e que pode se vincular ao trabalho de análise desta historiadora, “(...) a objetividade científica não consiste em nos ausentarmos da cena do discurso e em simularmos uma neutralidade que é tanto impossível quanto indesejável” (PORTELLI, 1997, p. 26). Ao mesmo tempo em que escrevo sobre a vida de Olga, sua narrativa e toda a subjetividade que a permeia, estou falando também da metodologia da história oral, em particular de uma memória irrecuperável pela perda da capacidade da protagonista em narrar sua história e a de seu pai.

Olga elabora o relato sobre si ao mesmo tempo em que se preocupa com a memória do pai, priorizando-a. A *combatiente* é, simultaneamente, coadjuvante e protagonista daquilo que relembra. Para que a memória do pai fosse levada adiante, ela precisou revelar sua própria história na entrevista. A estrutura da narrativa reforça a importância de situar-me num lugar de escuta em que a narradora pudesse se sentir ouvida sobre aquilo que foi vivido e sentido em relação à memória traumática. Tenho aprendido com Portelli que cabe à historiadora oral a arte de ouvir, e isso compreende uma abertura

(...) para a escuta e para o diálogo, e o respeito pelos narradores, que estabelece uma aceitação mútua na diferença, e que abre o espaço narrativo para o entrevistado entrar. Do outro lado, é a disposição do entrevistado em falar e de se abrir em alguma medida que permite que os historiadores façam seu trabalho. E a abertura dos historiadores sobre eles mesmos e sobre o propósito de seu trabalho é um fator crucial na criação (PORTELLI, 2016, p. 15).

Ter entrevistado e constituído uma escuta sensível no diálogo com Olga, foi fundamental para que eu compreendesse, mais uma vez, o meu papel como historiadora das narrativas autobiográficas no que tange à objetividade, subjetividade e sensibilidade. Se, forçosamente, o discurso da objetividade e da neutralidade se apossasse da minha escrita, considero que correria o risco de silenciar a memória que Olga confiou a mim, por não empregar, em minha própria subjetividade, a sensibilidade de entender que o trauma “é a ferida aberta na alma e no corpo por acontecimentos muitas vezes indizíveis” (ROVAI, 2013, p. 04-05) e, por conseguinte, sua coragem em narrar.

O processo de narrar é um fim em si. Como dito, não foi a primeira vez que Olga Angulo narrou a trajetória de luta de sua família, até porque havia um compromisso assumido com o pai, de nunca o esquecer. No entanto, ela mesma disse que nunca tinha



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

sido entrevistada daquela maneira, falando sobre sua trajetória. Talvez porque, em Cuba, a história de pessoas que participaram da Revolução, mas estiveram fora da guerrilha na *Sierra Maestra*, do exército rebelde ou não foram lideranças nas milícias revolucionárias, não são consideradas relevantes na e pela história oficial da Revolução; sua importância está apenas no coletivo, em seu todo. Dito de outra forma, entender o que os/as sujeitos/as passaram, individualmente, não é tido como relevante para a história militar, que já está consagrada (FERNANDES, 2009). Não se quer falar sobre as pequenas trajetórias, apenas a respeito daquelas consideradas centrais, como a dos heróis e mártires. Os/as sujeitos/as e suas subjetividades não importam, pois essas trajetórias supostamente não mudariam o curso da gloriosa história da Revolução Cubana.

Nisso se concentra a relevância de uma análise que adentre esses meandros para vislumbrar as riquezas que os detalhes narrativos oferecem. Comparando Olga com as outras entrevistadas, me deparo com especificidades da história oral em relação às *combatientes* cubanas militantes, que podem somar à história geral da Revolução ou àquilo que ainda é pouco explorado - a singularidade de cada indivíduo que compõe essa mesma história.

Fonte

ALONSO, Olga Estela Ângulo. Entrevista concedida à autora em 24 de dezembro de 2013, Holguín. Acervo da autora.

Referências

ARFUCH, Leonor. Narrativas del yo y memorias traumáticas. *Tempo e argumento*. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 45-60, jan./jun. 2012.

ARFUCH, Leonor. *Memoria y autobiografía. Exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

BAYARD DE VOLO, Lorraine. *Women and the Cuban Insurrection: How Gender shaped the Castro's Victory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

CHASE, Michelle. *Revolution within the Revolution. Women and Gender Politics in Cuba, 1952-1962*. The University of North Carolina Press, 2015.

CHICHARRO, Manuel Ramírez. *Llamada a las armas en la Revolución Cubana, 1952-1959*. Madrid: Ediciones Doce Calles, 2019.

CONRADI, Carla Cristina Nacke. *“Memórias do sótão”*: vozes de mulheres na militância política contra a ditadura no Paraná, 1964-1985. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2015.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

FUCHS, Isabela Marques, GOMES, Gabriele Marchioro. Coragem, resistência e afetos nas ditaduras do Cone Sul. In: WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021, p. 71-90.

GÁLVEZ, William Rodríguez. *Salida 19*. Operación Comando. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1981.

JOFFILY, Olívia R. O corpo como campo de batalha. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010, p. 225-245.

LÓPEZ, Yusimí Rodríguez. La Revolución hizo a los negros personas. In: CASTILHO, Daisy Rubiera; TERRY, Inés María Martiatu (orgs.). *Afrocubanas: historia, pensamiento y prácticas culturales*. La Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2011.

MINISTERIO DE JUSTICIA. *La mujer en Cuba Socialista*. La Havana: Editorial Orbe, 1977.

MONIZ, Luiz Alberto Bandeira. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como Arte da Escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. La Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1972.

RIVERA DE JESÚS, Noemí. La participación de las mujeres en la Revolución Cubana 1956-1959. In: *Anais do IX Congresso Virtual Sobre Historia de las Mujeres*. España: Asociación de Amigos del Archivo Histórico Diocesano de Jaén, 2017, p. 01-15.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. *História Oral*, vol. 16, n. 2, p. 129-148, 2013.

RUBIERA CASTILLO, Daisy, HEVIA LANIER, Oilda. *Emergiendo del silencio: mujeres negras en la historia de Cuba*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2017.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. Identidade e Imaginário Social: mulheres negras em Cuba após 50 anos de Revolução. In: *Anais XI Congresso Luso Afrobrasileiro de Ciências Sociais*. Bahia: UFBA, 2011.

SAPRIZA, Graciela. Memoria y memorias de mujeres en el relato de la dictadura (Uruguay, 1973-1985). In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010, p. 94-14.

SCHWARZSTEIN, Dora. Historia oral, memoria e historias traumáticas. In: *História Oral*, n. 4, p. 73-83, 2001.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

SEPTIEN, Rosa Campoalegre. Mujeres negras. Voces, silencios y resistencias: una vez más sobre la experiencia cubana. *Revista da ABPN*, vol. 10, n. 26, p. 57-76, 2018.

TELES, Amelinha A. Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 23, n. 3, p. 1001-1022, 2015.

Notas de autoria

Carla Cristina Nacke Conradi é doutora em História pela Universidade Federal do Paraná, com doutorado sanduíche junto à Universidade de Oscar Lucero Moya, Holguín, Cuba. Estágio Pós-Doutoral em História pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta do Curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisas e Estudos de Gênero, LAPEG/UNIOESTE. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura Relações de Gênero e Memória, do Grupo de Pesquisa Interinstitucional Direitos Humanos e Políticas de Memória (DIHPOM), Grupo de Pesquisa ProjetAH e do Laboratório de Gênero, Diversidade e Educação na América Latina e Caribe, todos vinculados ao CNPq. E-mail: carla.conradi@unioeste.br

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

CONRADI, Carla Cristina Nacke. Uma história a dois: a combatente cubana e o legado heroico de seu pai. *Sæculum – Revista de História*, v. 30, n. 52, p. 08-26, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 10/08/2024

Aceito em 31/03/2025



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)